

# O CAMINHO COMO CENÁRIO DO CÍRIO DE NAZARÉ: PAISAGENS NASCIDAS DO IMAGINÁRIO POPULAR

ANDERSON MIRANDA DOS SANTOS  
JOÃO PAULO CARVALHO DO AMARAL

mlampiao@gmail.com  
jpdoamaral@yahoo.com.br

## RESUMO ABSTRACT

O trabalho procura estudar as relações das expressões culturais de Belém através de uma observação sobre o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Analizamos os espaços livres e da rua como um suporte cênico, como elementos estruturadores da paisagem. As abordagens associadas aos espaços livres agregam valores com potencial de promover a conexão entre áreas verdes e atividades culturais, favorecendo a convivência coletiva nas praças, largos e vias por onde passa o cortejo religioso.

**Palavras chave:** Paisagem cultural. Imaginário urbano, Círio de Nazaré, Paisagem Cênica

This paper proposes the study of the relations of the cultural expressions of the city of Belém through observations concerning the Círio de Nossa Senhora de Nazaré. We analysed open spaces and streets with scenic support, such as landscape structural elements. The approaches associated with open spaces add value, with the potential to promote the connection between green areas and cultural activities, favoring the collective interaction in squares, 'largos' and streets through which the religious procession goes by

**Key-words**  
Cultural landscape, Urban imaginary, Círio de Nazaré, Scenic Landscape



**A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO** da paisagem urbana de Belém, estado do Pará, e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é carregada de significados e valores. A forma como isso foi se configurando dentro do imaginário e a do cenário que o trajeto propõe foram muito particulares e se caracterizaram de modo singular e autêntico.

A relação entre o cenário e o trajeto foi preponderante para a criação do imaginário da cidade que agregou valores específicos, ora pela origem ribeirinha, ora pelos valores estéticos europeus – primeiramente por ser uma cidade de colonização portuguesa e,

por conseguinte no final do século XX, copiar características urbanas da Paris de Haussmann<sup>1</sup>.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma das principais manifestações religiosas do Brasil, cuja primeira procissão data do ano de 1793. O processo de arborização da cidade está atrelado também à necessidade de arborizar o primeiro passeio público da cidade. No transcorrer do século XIX, houve a inserção de novas vias e equipamentos públicos, praças, parques etc., em decorrência de uma nova necessidade urbana e da existência de espaços livres na cidade.

A motivação desta pesquisa passou por uma observação sobre um elemento significativo na cidade e de estratos existentes do sítio histórico e do processo de como houve essa relação entre a paisagem cultural e construída através de diferentes valores imateriais e materiais ao longo da historiografia da relação dessa construção com a fé.

## REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A reflexão sobre o conceito de lugar e cultura é necessária para a compreensão sobre os valores materiais e imateriais sobre a paisagem, no transcorrer da definição e consolidação de uma relação que fora construída ao longo do tempo, impregnando os elementos de uma paisagem ribeirinha, de uma cidade inserida em um contexto capitalista mundial.

Em Belém, construção desse imaginário, propiciou uma construção de símbolos e elementos culturais de modo que houvesse uma forma de se comunicar com padrões específicos, seja pela forma verbal ou por mecanismos interpretativos. Deste modo, a paisagem urbana proporciona uma interação entre os mecanismos existente nela, onde:

A linguagem da paisagem pode ser falada, escrita, lida e imaginada. Ler e escrever a paisagem são subprodutos da vida – de mover-se, reproduzir-se, comer e estratégias

de sobrevivência – a criação de refúgio, proporcionando perspectiva, o cultivo de alimentos. Ler e escrever paisagem é aprender e ensinar: conhecer o mundo, expressar ideias e influenciar outros. Paisagem, como linguagem, faz o pensamento tangível e imaginação possível<sup>2</sup> (SPIRN, 1998, p.15).

Para Kevin, *um bom lugar é aquele que, de certo modo, apropriado a uma pessoa e a sua cultura, a torna consciente de sua comunidade, de seu passado, da trama da vida, e do universo de tempo e espaço na qual está contida* (LYNCH, 1982, p.142). Deste modo podemos identificar valores históricos e culturais no inconsciente da memória e este direciona o olhar para os refúgios de uma cultura, ou seja, em um fato é observado o registro técnico ou vernáculo de um fato.

A cidade é interpretada através de seus símbolos e signos, que contribuem para sua compreensão, constituindo o imaginário urbano, e se consolida, na consciência, o entendimento sobre a cidade. A cidade imaginária e os elementos que compõem sua paisagem são permeados por estes signos e significados e é fundamental saber interpretá-los.

O imaginário afeta, filtra e modela a nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade contada pelos cidadãos diariamente, e tais pronunciamentos, a fabulação, o segredo ou a mentira, constituem entre outras três estratégias na narração do ser urbano, os relatos urbanos que focalizam a cidade gerando diferentes pontos de vista. (SILVA, 2001, p.50)

Em Belém, a construção desse imaginário é uma das bases da paisagem cultural e evidencia uma gama de características próprias consolidadas no transcorrer do tempo e da maneira como foi se consolidando no meio ambiente e na dinâmica urbana.

## Metodologia Utilizada

A pesquisa teve como referências de trabalhos os autores que pesquisam sobre imaginário urbano e sobre a paisagem urbana. Para o desenvolvimento desta pesquisa, serão de grande relevância os trabalhos de Armando Silva (2001) sobre o tema do Imaginário Urbano; de Ivete Farah (1997, 2006 e 2008) no que tange aos documentos poéticos; e especificamente ao imaginário paraense (2015), sistemas de espaços livres: Raquel Tardin (2008). Para o desenvolvimento da pesquisa, procedeu-se às seguintes etapas:

Revisão bibliográfica sobre os autores que fazem prospecções sobre a paisagem e a teoria e prática projetual em arquitetura paisagística. Por conseguinte, a pesquisa sobre documentos existentes em iconografia, álbuns, mapas, literatura, obras de arte. Visita de campo na avenida Nazaré e trajeto da procissão durante o Círio.

Através dessa observação, podemos analiticamente obter caminhos interpretativos sobre a relação da paisagem do percurso e das inúmeras atividades existentes durante a procissão e a própria dinâmica urbana nos diferentes tempos da cidade.

## BELÉM DA SAUDADE – O CAMINHO QUE LEVA ÀS MEMÓRIAS DE FÉ

O Círio é uma procissão, além de uma festividade muito importante para a cultura paraense. Considerado pelo IPHAN como Patrimônio imaterial do Pará em 2013. Há elementos dentro da festividade que ultrapassam o campo da religiosidade, em que se encontram, também, elementos do sincretismo e do profano. O Círio de Nossa Senhora de Nazaré consiste no traslado da berlinda com a imagem da santa, seguindo da Catedral da Sé até a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré. O número de promesseiros gira em torno de dois milhões e a experiência de cruzar o caminho, seja como promesseiro, médico, enfermeiro, religioso etc. é particular e individual, mesmo em

meio à coletividade. A corda é uma das promessas mais fisicamente exaustivas, por se tratar de uma enorme corda que é atrelada à berlinda e que é puxada pelos promesseiros.

O percurso da procissão propicia a conexão com espiritualidade, com a mãe de Jesus, e culturalmente a Nossa Senhora é tratada pelos devotos como mãe, mãezinha, Nazica. O término da procissão é o início de se conectar com a família, do almoço com as comidas típicas – um almoço com valores ancestrais da cultura do paraense – há a reunião familiar, um momento muito parecido com as ceias de Natal, tanto que a população identifica o Círio como o Natal dos paraenses. Assim a mangueira é a árvore do Círio, em uma alusão à árvore de Natal, haja vista que atualmente as mangueiras localizadas no percurso da procissão são decoradas com lâmpadas e outros elementos, que são visualizados mais na trasladação<sup>3</sup>.

Na procissão, as pessoas levam consigo os ex-votos: potes, miniaturas de barcos, casas com a finalidade de agradecer uma graça alcançada, um pedido feito, uma promessa. As árvores emolduram o percurso e a relação construída no passado ainda se faz presente. Muitas memórias foram construídas por tantas procissões e foras o traslado cotidiano na cidade ao mesmo tempo em que reforçam a ideia de ser uma fotografia de sua lembrança.

Quando o segundo passeio público brasileiro no final do século XVIII foi criado, reordenando o acesso para a igreja que fora erguida para o culto religioso à imagem de Nossa Senhora de Nazaré, foram retirados todos os maciços arbóreos, transformando-a em uma árida via sem vegetação que protegesse as pessoas da insolação, comum à cidade tropical. Originou o primeiro projeto de arborização para o passeio, com a necessidade de agregar ao caminho árvores com a intenção de agregar conforto térmico, além de reunir uma estética particular ao passeio.

A partir das primeiras mudas plantadas nesse eixo, desenvolveram-se nos anos subsequentes experimentações arbóreas ao longo

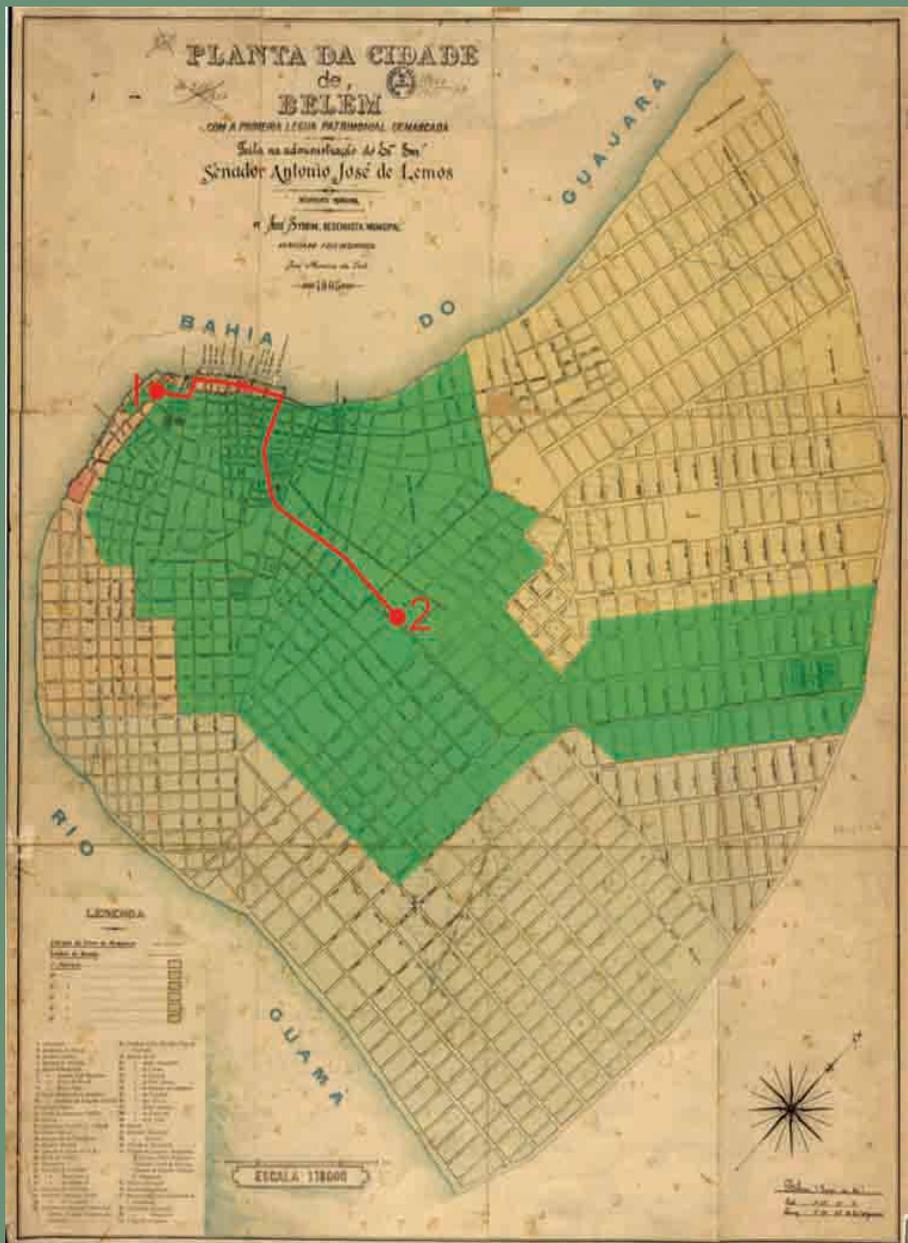
das principais vias, criando novos caminhos arborizados para as necessidades que esta cidade tinha na época. As vias eram arborizadas com diferentes espécies, mas no final do século, com a indicação proposta por Antonio Lemos, as vias foram basicamente arborizadas por mangueiras.

A cidade do final do século XIX já possuía sistema de drenagem e esgoto, redes de bondes elétricos, abastecimento de água e estava setORIZADA com serviços de vanguarda para uma cidade brasileira, mas, em contraponto a isso, havia uma relação estreita as atividades de extrativismo vegetal que assim como o látex de que aportavam na cidade, cultura do ribeirinho e suas as especiarias, frutas , perfumes e cores e cultura. (Il. 1)

Para uma das análises foi feita uma sobreposições das imagens de alguns postais, do início do século, com imagens feitas em outubro de 2016, especificamente no perímetro da avenida Nazaré, como um recorte de um dos trechos da procissão do Círio, para que fosse feita uma leitura da relação dos elementos pertencentes à paisagem urbana e seu processo evolutivo.

No final do século XIX, o intendente Antônio Lemos trouxe a Belém uma nova perspectiva urbana, com a implementação de conceitos relacionados à salubridade, conforto etc., conceitos difundidos na Europa, mas, no caso de Belém, foram inspirados no modelo francês, adequando então a antiga colônia portuguesa a uma nova realidade urbana.

Uma das primeiras experimentações de arborização na cidade ocorreu na estrada de Nazareth, atual avenida Nazaré, que originalmente era uma estrada de terra que ligava a cidade à capela construída com a finalidade de receber a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, via que espontaneamente fora arborizada no final do século XVIII com várias espécies arbóreas, tendo como objetivo proteger da incidência solar durante os principais festejos do Círio, procissão religiosa que conduzia a imagem sacra pelas ruas da cidade.



Il. 1a: Área que recebeu plantio de mangueiras na época de Antônio Lemos (verde) e o percurso da procissão na primeira légua patrimonial da cidade de Belém no início de século XX. 1- Catedral Metropolitana de Belém e Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré

Fonte: Autor sobre mapa da cidade que consta no Relatório do Intendente Antônio Lemos, 1905. Disponível: <https://fauufpa.org/2015/02/20/planta-da-cidade-de-belem-1905-por-jose-sidrim/>. Acesso: 24.Out.18.



Il. 1b: Detalhe do percurso da procissão na primeira légua patrimonial da cidade de Belém no início de século XX. 1- Catedral Metropolitana de Belém e Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré

Fonte: Autor sobre mapa da cidade que consta no Relatório do Intendente Antônio Lemos, 1905. Disponível: <https://fauufpa.org/2015/02/20/planta-da-cidade-de-belem-1905-por-jose-sidrim/>. Acesso.24.10.18.

No final do século XIX, Belém começava a passar por experimentações urbanas e arbóreas, principalmente pelo desenvolvimento da tecnologia para obtenção de equipamentos urbanos e botânicos. Basicamente, as vias já possuíam pavimentação e sistemas de saneamento, drenagem e abastecimento de água. Como podem ser identificadas na Ilustração 2a, as vias eram arborizadas com mangueiras e amendoiras da praia. Nesse período começa a substituição de outras árvores por mangueiras, em decorrência das diretrizes orientadas pelo Relatório apresentado à Câmara Municipal de Belém.

O relatório propiciou uma nova perspectiva, a pavimentação das ruas, a inserção de equipamentos urbanos, a arborização de vias e praças e a adequação de edificações em estilo colonial, as novas tipologias arquitetônicas como o uso de platibandas nas fachadas, sistemas de escoamento canalizado, alpendres para circulação de ar etc.

Nota-se, na Ilustração 2a, um resquício de arquitetura colonial na edificação no canto direito, mas ainda os bondes são de tração animal. Na ilustração 2b, é nítida a passagem de tempo, uma imagem captada do mesmo ponto da ilustração 2a, na qual se observa o porte mais elevado das árvores. A presença de outras edificações, no caso a Casa Outeiro, e de cabeamento para os trilhos elétricos indicam que a foto é posterior.

O ponto de fuga se faz presente pela existência das mangueiras, que, além de sua arquitetura de copas avantajadas, delinea a perspectiva da rua assim como a perspectiva das fachadas existentes nos lotes que estão com seus arcabouços no limite.

Belém tem os ares de urbanização francesa do mesmo período, e as fachadas já apresentam o que há de mais refinado em decoração e acabamento europeu representativos do estilo eclético, como o edifício comercial à esquerda na Ilustração 2b, com esse tipo de estética em seu acabamento de fachada. Houve, ao longo da via, uma considerável substituição de exemplares arbóreos, provavelmente perdidos por uma manutenção equivocada, haja vista ser uma das vias que mais sofre com a manutenção e as podas e o impacto proveniente da trepidação do trânsito sobre as raízes.

São notórias as árvores com indicações das podas irregulares, pois em muitas há desequilíbrio com relação à competição com a rede elétrica e fachadas de edifício que estão nos limites dos lotes. Por outro lado, também há questões sobre o uso do solo, que influenciam no maior número de unidades dentro do mesmo lote, como uma maior circulação de pessoas e veículos.

Outro fator observado in loco é que, com a verticalização, ocorre o sombreamento que compromete as atividades fisiológicas do vegetal.

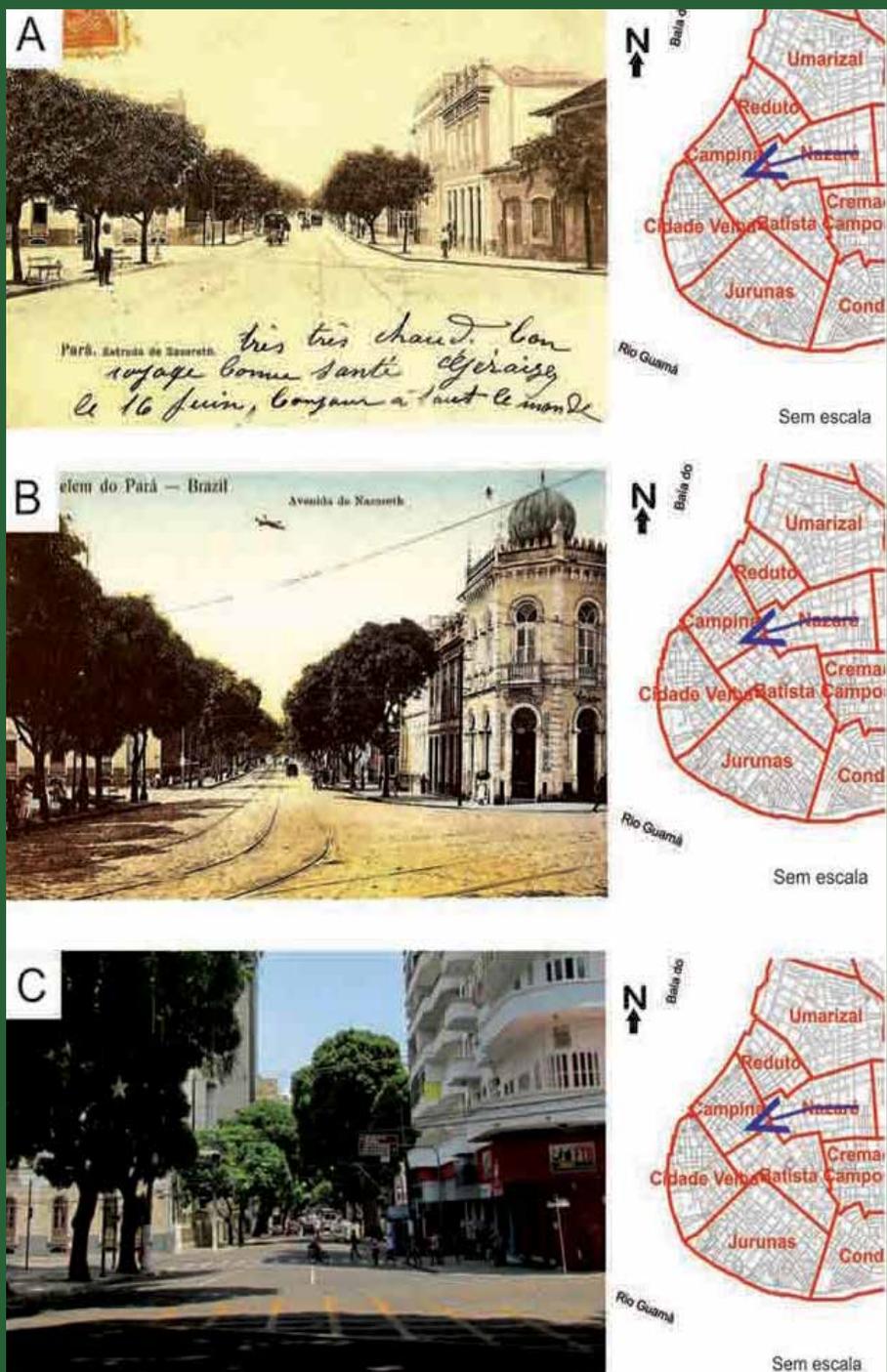
As transformações ocorridas desde o início do século XX na cidade, até os dias atuais, refletem a forma como a cidade se desenvolveu, consolidando sua malha urbana. (Il. 2c)

Houve o caos urbano em decorrência do processo de desenvolvimento da cidade, que aproveitou o traçado urbano, mas que demoliu parte do sítio histórico em função da expansão da cidade ou mesmo pelo empobrecimento com o fim dos principais sistemas socioeconômicos, no caso o Ciclo da Borracha, fazendo com que ela se verticalizasse e, por conseguinte, houve a substituição da rede elétrica, que passou a competir com os galhos das árvores provocando podas que comprometerem a arquitetura do fuste e copa das árvores.

O vulto entre os tempos do desenvolvimento das árvores e da cidade mostra as diferentes nuances do tempo e da atmosfera onírica que as árvores possuem (Il. 3). A sobreposição dessas imagens evidencia a resistência da arborização como principal elemento de conexão a essa atmosfera, assim como as raízes de uma intervenção urbanística que é forte, resiliente, mesmo em uma composição urbanística confusa, por diferentes taxas de ocupação e índices de aproveitamento.

No poema *A Virgem da berlinda* de Paes Loureiro (2012), o autor fala de uma cidade em que as mangueiras estão no contexto das festividades do Círio de Nazaré, de como há a relação das árvores e o percurso da procissão e uma conexão com o plano astral. Um canal que liga um paraíso espiritual e marca uma temporalidade da cidade.

Em meio à multidão  
quisera ser  
tão só  
um desses lírios em teu andor,  
para estar a teus pés  
para sentir teu perfume



Il. 2: Avenida Nazereth, final do século XIX (A). Avenida Nazaré do século XIX(B). Avenida Nazaré do século XX (C).  
 Fonte: Belém da Saudade(1998), pag. 93(A). Belém da Saudade (1998), pag. 94(B).  
 Fonte: Autor. Capturado em setembro de 2016(C).



Il. 3 : Sobreposição de imagem da Avenida Nazaré.  
Fonte: autor. Montagem feita com foto do autor e imagens de Belém da Saudade(1998), p. 93 e 94.

para bem perto olhar  
teus pequeninos olhos de ternura.  
Quisera ser essas folhas de mangueira  
à tua passagem  
e te roçar de leve com meus lábios.  
Quisera ser esse raio de sol  
por entre as folhas,  
para tocar tua imagem e te aquecer.  
Quisera ser essa brisa  
das manhãs de Belém,  
para agitar levíssimo o teu manto.  
Quisera ser um hino  
a rebrotar dos lábios das crianças.  
Um hino em teu louvor!

Quisera ser os passos da paixão  
te acompanhando,  
como o peixe acompanha  
a procissão das águas,  
como o tema da canção  
que passa  
por entre a melodia.  
Quisera ser as sílabas do amor  
para a linguagem ser dos que te amam.

As mangueiras durante o Círio, emolduram o percurso da procissão durante boa parte do caminho, unindo aproximadamente dois milhões de pessoas, manifestando a sua fé, através de orações, homenagens e pagando promessas. (Il. 4)

A paisagem urbana que surge nas representações artísticas tem um caráter cenográfico, um suporte às atividades sociais e culturais. A mangueira é um elemento dessa paisagem, e ela traz consigo uma gama de representações e significados tanto para os artistas quanto para os observadores da arte. Nas obras, as árvores surgem de maneira misteriosa, marcam o tempo, às vezes de forma dramática, outras, espirituais, atingindo diferentes patamares de entendimento.

Na obra de Osvaldo Goeldi (1895-1961), a cidade surge retratada em xilogravuras; no cotidiano urbano, as vias em dias de chuva e as mangueiras surgem como um elemento dramático. Mesmo o artista usando a policromia em suas obras, a imagem dela surge negra, misteriosa. (Il. 5)

A alegoria presente na metáfora exemplifica a subjetividade que ocorre na cidade durante a chuva. A chuva é um elemento muito significativo na dinâmica da cidade, ora por ser um marcador do tempo, por sempre cair quase que no mesmo horário, ora por propiciar, mesmo que de maneira equivocada, a aproximação com as árvores, pois muitos procuram abrigo embaixo das árvores. Na xilogravura de Goeldi há o processo de imersão, estado de



Il. 4: Avenida Nazaré durante a procissão do Círio.  
Fonte: Autor, outubro de 2015.



Il. 5: Chuva/ circa 1957, assinada xilogravura a cores, 2/12 22 x 29,5 cm Osvaldo Goeldi, Coleção Frederico Mendes de Moraes.

Fonte: [http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=obras\\_interior&opcao=T&IDItem=232](http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=obras_interior&opcao=T&IDItem=232). Acesso: 23.ago.2015.

introspecção que a cidade provoca no espectador – no caso, a figura retratada em que o caminho presente na imagem remete a uma perspectiva em um eixo central marcado pela sequência de árvores, ainda reforçado pela cor azul, cujas simbologias remetem a um estado mais profundo de consciência, contrapondo o vermelho forte e quente de seu guarda-chuva, como um duelo entre a paixão vivida pelo transeunte e o processo de chegar a novos estágios.

A literatura paraense registrou o fausto gomífero e sua derrocada. Isso fez com que houvesse certo saudosismo, pois a cidade ficou abandonada e o processo de sobrevivência fez com que a população, que era excluída desta cidade de outrora, retomasse as atividades socioeconômicas, agregando particularidades culturais, pois estes

eram ribeirinhos e as ruas, por sua vez, passaram a apresentar-se como rios. Mesmo com a relação do ribeirinho ou do homem do campo com a cidade ou os grandes centros, seu imaginário prevalecia – o imaginário característico na Amazônia, com suas raízes na cultura do ribeirinho:

Envolvida em isolamento e mistério, Amazônia foi construindo um sistema ribeirinho e extrativista integrado por pescadores, coletadores de castanhas, mateiros extratores de seringa, de couros, de reina de árvores, de ouro e de diamantes. Acrescentam-se os lavradores, os seringueiros, os vaqueiros e fazendeiros, os comerciantes, os empresários, os biscateiros e os artesãos das mais diversas categorias que vivem em função das florestas e dos rios. Uma cultura com profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou poeticamente o imaginário (até o final dos anos 1950) destes indivíduos isolados e dispersos às margens dos rios (LOUREIRO, 2015, p. 51).

A cidade já não era receptiva às sofisticações estrangeiras, reafirmando a cultura do ribeirinho, não atraindo as famílias mais abastadas, que, por conseguinte, procuravam outros centros ou a capital federal. Vários autores surgiram revelando a saudade da *Belle Époque belenense*, mas a de maior relevância é Eneida de Moraes, escritora paraense, que viveu sua infância em Belém, e juventude e maturidade no Rio de Janeiro. Ela relatou em crônicas as suas experiências na cidade, situações que foram determinantes para a formação de seu caráter. No livro *Aruanda*, ela faz uma analogia de Belém a esta cidade africana, que é um lugar específico no plano espiritual, reservado para espíritos, mas, especificamente, ela designa como uma terra livre e bela, capital de sonhos, ambições e desejos. Neste livro, ela relata a materialização de ser:

Velha mangueira jamais nos acolheu em seus braços; era grande demais e hoje creio que era sombria e misteriosa, quase uma floresta escura. Era grande e

velha e impunha respeito como se fosse nossa vó contando histórias (MORAES, 1957, p. 4).

Esse relato de Eneida personifica a figura da árvore como sua avó, como uma tradição, uma referência à genealogia existente em seu lar. Outra observação intrínseca é o fato de a árvore ter um grande porte, e que provavelmente antecederia o processo de arborização da cidade, e que a presença desta seja uma tradição de se plantar as árvores nos quintais, ora para frutos, ora para um processo de aclimação de espécies exóticas, o que é o caso da mangueira.

Na crônica *Muitas árvores*, também de Aruanda, Moraes mostra sua relação com as árvores:

As escadas brancas nos levavam para outro país, para a rua, aquela pacata rua chamada Benjamim Constant, em Belém do Pará, que para nós parecia apenas um trecho sem importância, diante de nosso mundo povoado de tanta gente, muitas árvores (MORAES, 1957, p. 4).

Fica evidente como o ambiente urbano da rua impactava o cotidiano das pessoas na época, a cidade apresentava ares cosmopolitas nunca vistos antes na cidade, novos hábitos, que uma criança não compreendia, um mundo cheio de pessoas que poderiam ser as árvores que cresciam na sua própria vizinhança, trazendo seu universo mítico, a história exercendo seu papel na cidade e na sociedade. Há uma construção alegórica nessa afirmação de Moraes, uma analogia ao próprio título do texto, o caminho para esse sobrenatural e espiritual: *uma rua enorme, larga, muito povoada. Ficamos tremendamente alegres com a descoberta. Então, não éramos só nós e as nossas árvores, nossos amigos e nossos jogos* (MORAES, 1957, p. 24)

A cidade é uma descoberta de novas possibilidades. As mangueiras das ruas estão em crescimento assim como a autora da crônica: ela é como mais uma árvore a crescer entre as pessoas de sua rua.

O quintal era nosso feudo. Ao fundo aquela senhora vegetal tão gorda, tão grande que só ela marcava uma enorme área de sombra no quintal imenso: a mangueira, a velha mangueira, única árvore que pela imponência e dignidade do porte merecia nosso respeito (MORAES, 1957, p. 25).

As experiências vividas por ela, personificando as árvores, interagindo, brincando, fizeram com que a autora tivesse respeito. Afinal, elas fizeram parte de seu imaginário.

No livro, *Banho de cheiro*, MORAES surge mais serena com relação à cidade. Seu texto está mais maduro, crítico e explícito sobre as suas memórias:

A avenida Nazaré, ampla e larga com suas mangueiras farfalhantes indo até o largo onde há a igreja, uma igreja feia tal o amontoado de coisas de arte de várias épocas. Conhecia a primeira, modesta, colonial, bela. Derrubaram-na, mas naquele largo, quando chega outubro, é a festa de Nazaré (MORAES, 1962, p. 23).

Ela retrata os caminhos remanescentes das primeiras experimentações arbóreas, que levavam a cidade até a igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que no início do século foi derrubada para dar sede a outra mais pomposa no estilo eclético.

Tudo nesta cidade onde nasci é parte poderosa, eloquente na minha vida, paisagens, personagens, ocorrências. Tanta coisa para contar dela. Nem falei do bosque Rodrigues Alves com sua flora riquíssima, suas árvores imensas, seus recantos parecendo mistérios (MORAES, 1962, p. 18).

A paisagem urbana criada por Eneida remete a um universo fantástico construindo uma fantasia infantil, mas por se tratar de uma crônica escrita pela autora, cujo histórico é um elemento presente no texto, a cidade e suas características foram atores

dentro de seu processo de maturação pessoal e profissional. Belém, suas mangueiras envolvem seus habitantes em experimentações e provocações profundas.

Entender a paisagem da cidade de Belém é percorrer caminhos que indicam o transcorrer do processo da arborização da cidade, da experimentação de elementos que transcendem a atmosfera real, é uma viagem para o passado, a memória dos sabores e perfumes, as diferentes nuances desta arborização, que os estratos analisados evidenciaram.

Paulo Porto<sup>4</sup>, engenheiro agrônomo da Semma – Secretaria de Meio Ambiente de Belém – ressaltou a importância da arborização de Lemos, afirmando que o intendente:

foi um visionário, ele imaginava que a cidade iria ser devastada e que iria sobrar somente isso mesmo, o que é o centro histórico de Belém. As mangueiras, que ao longo do tempo foram entrando na paisagem urbana da cidade, foram se expandindo no interior da cidade.

Uma alusão a um sonho vivido, ou pelo mistério, dramaticidade, mas que é passível de interpretações sublimando questionamentos pessoais sobre o objeto, conduz à percepção da arte e a atmosferas únicas.

A imersão na arte pelo artista também é um catalisador de imaginários, afinal o objeto artístico é fruto de sua imaginação e a atmosfera em que ele se insere pode ou não refletir em seus trabalhos, em suas representações cênicas: *Geralmente eu pinto pela tarde, depois da chuva, às vezes vou até a janela e apanho uma manga. A mangueira está aqui quase dentro de casa* (Branco de Melo)<sup>5</sup>.

É notório que Belém sempre foi vanguarda sobre assuntos ligados à arborização, assim como a experimentações arbóreas ligadas a processos de aclimações de espécies, sobretudo aquelas com

potencial produção comercial. Desde o século XVIII, a cidade vem experimentando a aclimação da *Mangífera Indica L.*, que terminou por se tornar um dos principais símbolos da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer as ruas de Belém no segundo domingo de outubro é uma experiência de um uso muito particular das vias da cidade, pois o percurso da procissão do Círio propicia uma conexão com o espiritual. A paisagem, além de ser o ambiente da procissão, propicia um desencadear de várias possibilidades sensoriais aos espectadores imersos no percurso. Algo que vai além do sentido do Círio, mas uma ligação à sua origem e memória afetiva. Um resgate da história do belenense, de sua culinária, seus laços de família etc.

A apreensão da paisagem é um elemento muito significativo na paisagem urbana da cidade de Belém, as mangueiras delimitam a percurso da paisagem propiciando ao espectador uma possibilidade de imersão em uma saudade de um tempo passado, de uma Belle Époque que traz uma referência astral, quase que religiosa, mesmo dentro de um cenário de transformação urbana.

A paisagem urbana propicia uma relação entre a árvore e a cidade, a paisagem histórica e a contemporânea, fazendo parte da cultura e das relações entre a rua, cidades e até a chuva na paisagem belenense, provocando sensações sensoriais trazidas pelo perfume e sabor das frutas, a proteção solar e da chuva, uma imersão na natureza e na memória de um passado próspero e promissor.

Sobretudo as mangueiras criaram valores à paisagem urbana, sendo estes inúmeros, mas facilmente identificáveis por aqueles que têm a possibilidade de desfrutar das sombras de uma saudade. A mangueira tem o poder de enlaçar muitos fluxos imaginários socioeconômicos, psicológicos e sinestésicos.

Atualmente, Belém encontra-se em processo de perda de massa arbórea em função de poucas iniciativas de arborização urbana, haja vista que a cidade possui um quadro negativo com relação à arborização, pois ela vem perdendo muitos exemplares arbóreos, ora pelas intempéries, podas degenerativas, ou problemas de vazamentos hidráulicos próximos às raízes etc., tanto que segundo o IBGE (2016), entre as vinte capitais arborizadas, Belém está em último lugar. Isso é incoerente para uma cidade que leva o título de ser a Cidade das Mangueiras e se localizar na Amazônia.

A arborização da cidade é de interesse histórico e precisa ser salvaguardada por instrumentos legais mais incisivos no âmbito da preservação e do manejo. É interessante para Belém o reconhecimento como Paisagem Cultural pelas inúmeras relações existentes entre os habitantes da cidade e a mangueira e, conseqüentemente, o maciço arbóreo, assim como pelo ineditismo enquanto proposta de arborização e, no caso específico da avenida Nazaré, pelo fato de ela ser o primeiro passeio público do Norte do Brasil.

A construção dessa narrativa advém também do processo de arborização, o que referencia o conceito de paisagem cultural e que, através da instrumentação legal, acredita-se que é interessante haver o tombamento das mangueiras de Belém em esfera federal, além de elevar a mangueira e a arborização de Belém à categoria de Paisagem Cultural, com a principal intenção de preservar a paisagem dessa floresta urbana tão peculiar, carregada de poética, fora o fato de ser uma arborização de interesse histórico. A visibilidade nacional e internacional que implicaria o tombamento traria uma melhor conscientização e políticas públicas direcionadas para o manejo e conservação, por parte do poder público e da própria sociedade local, reconhecendo, de fato, a importância dos valores existentes na mangueira e nas vias arborizadas de Belém.

Envolver-se por uma árvore é um processo acessível às pessoas, é sinestésico, pois ela é um vegetal, com uma infinidade de provocações

sensoriais, atuante na paisagem urbana, especificamente em Belém com as mangueiras de frondosas copas e frutos. *A Belle Époque* vive nas árvores, nelas o espírito visionário de Antônio Lemos abraça a cidade de Belém. Está na arte, nas músicas, na poesia das tipologias de moderno grafismo. E que passa de geração em geração(...) Faz de Belém a cidade das mangueiras. Do fruto que insiste em cair(...) E em seguir o ciclo natural de ser semeado(...)

A paisagem urbana de Belém, em que ela se insere através de um espaço cênico, é um elemento da poética urbana, um olhar para o íntimo, para si, através de um elemento que indica uma infinidade de possibilidades imagéticas e psicológicas. A paisagem urbana de Belém é um cenário para um caminho que incita as mais variáveis sensações, o sonho, a saudade(...) Até mesmo no caos em que alguns lugares da cidade se encontram.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, João Paulo Carvalho do. *Arborização urbana de Belém*. Disponível: <<https://my.survio.com/> ->. Acesso: 15.jun. 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. *Historia da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORNER, James. *Recovering Landscape: Essays in Contemporary Landscape Theory*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1999.

FARAH, Ivete Mello Calil. *Arborização pública e desenho na cidade do Rio de Janeiro: Contribuição de Roberto Burle Max*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1997.

\_\_\_\_\_, *Paisagem Ambiente: Árvore e população as relações que se estabelecem no contexto da cidade*. São Paulo. 2004 p.99-120.

\_\_\_\_\_, *Poética das árvores urbanas*. Rio de Janeiro: MauadX :Faperj, 2008.

\_\_\_\_\_, *Rio de Janeiro e árvores urbanas: uma paisagem afetiva*. In: PINHEIRO MACHADO; Denise B. (Org.). *Sobre Urbanismo*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley/PROURB, 2006, v. 1, p. 164-179.

GOELD, Oswald. Chuva/circa 1957. *Coleção Frederico Mendes de Moraes*. Disponível: <[http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=obras\\_interior&opcao=T&IDtem=232](http://www.centrovirtualgoeldi.com/paginas.aspx?Menu=obras_interior&opcao=T&IDtem=232)>. Acesso: 23 ago. 2015.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Paisagem cultural do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

LOUREIRO, João de Jesus de Paes. *Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário*. Belém: Cultural Brasil, 2015.

\_\_\_\_\_. Blog do Paes Loureiro: Mangueiras de Belém. 2012. Disponível: <<https://paesloureiro.wordpress.com/?s=mangueira>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

LYNCH, K. A *Theory of good city form*. Cambridge, MA: The M.I.T. Press, 1982.

MORAES, Eneida Costa de. *Aruanda - Crônicas*. Rio de Janeiro: Livraria Olympio, 1957.

NUNES, Benedito *et al.* (Ed.). *Belém da Saudade: A Memória da Belém do Início do Século em Cartões- Postais*. Belém: Secult, 1998.

ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e Sua Época Histórica Política do Pará*. Belém: Cejup, 1996.

SIDRIM, José; MARQUES, Fernando Luiz Tavares. Planta da cidade de Belém: Postscriptvm (22/02/2015). 2015. Disponível: <<https://fauufpa.org/2015/02/20/planta-da-cidade-de-belem---1905-por-jose-sidrim/>>. Acesso: 12.abr. 2017.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio AndresBello, 2001.

SPIRN, Anne Whiston, *The Language of landscape*. Thomson Shore, Inc. United State of America, 1998

## NOTAS

- <sup>1</sup> Georges-Eugène Haussmann, autor da mais significativa reforma urbana de Paris do final do século XIX.
- <sup>2</sup> Tradução dos autores.
- <sup>3</sup> Romaria que antecede o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Realizada no final da tarde do segundo sábado de outubro, para que a imagem da santa em sua berlinda chegue à Catedral da Sé para que, no dia seguinte, seja realizado o Círio.
- <sup>4</sup> Entrevista realizada em 31 de maio de 2016, sobre os processos de arborização na cidade.
- <sup>5</sup> Entrevista realizada para a produção da Exposição Devoção e Doação, em 2014.

REVISTA  
PAISAGENS  
HÍBRIDAS